

# O silêncio de Clara: representatividade feminina e violência em Clara dos Anjos

Joana Amália Almeida de Morais<sup>1</sup>

Eduardo Gonçalves<sup>2</sup>

## Resumo

Este estudo tem como objeto analisar o lugar social imposto à mulher na obra *Clara dos Anjos* (1994), de Lima Barreto, na qual o autor denuncia os preconceitos existentes nos séculos XIX e XX, além das dificuldades de uma jovem negra e pobre, vivendo em uma sociedade marcadamente racista e patriarcal. É uma pesquisa de base qualitativa e tem como método de procedimento o analítico interpretativo. Além disso, este artigo visa avaliar as representações das relações de gênero e a construção de valores que determinam a desigualdade social entre homens e mulheres, através das crenças e costumes impostos naquele período e que ascenderam até os dias de hoje. Nessa perspectiva, este trabalho tem como objetivo compreender e analisar os problemas do cotidiano das mulheres negras, no início do século XX, dentre eles, o preconceito social, racial e de gênero – vislumbrando aspectos de permanência e de consolidação desse imaginário.

**Palavras-chave:** Clara dos Anjos; Representação; Violência; Lima Barreto.

## Introdução

A literatura brasileira assume diversos papéis na sociedade, podendo transmitir aspectos da cultura, ideias e costumes de épocas variadas, além de representar, por semelhanças ou por diferenças, a forma como que grupos distintos ocupam o mesmo espaço-tempo. O romance *Clara dos Anjos* (1994), de Afonso Henrique de Lima Barreto, foi concluído em 1922, ano marcado pela Semana de Arte Moderna e pela morte do autor. Nesse sentido, Lima Barreto, em *Clara dos Anjos* (1994), retrata a vida da mulher negra e pobre, na sociedade brasileira – no início do século XX –, sob a ótica de uma sociedade marcadamente racista e patriarcal, denunciando a opressão sofrida pelas mulheres negras e, também, a inexistência de seus direitos diante dessa sociedade.

---

<sup>1</sup> Concluinte do Curso de Licenciatura Plena em Letras do Centro Universitário da Vitória de Santo Antão – UNIVISA. E-mail: [joanaalmeidamorais@hotmail.com](mailto:joanaalmeidamorais@hotmail.com)

<sup>2</sup> Mestre em Letras – com ênfase em Teoria da Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Pesquisador do Núcleo de Estudos em Literatura e Intersemiose (UFPE/CNPq). Docente/Pesquisador do Departamento de Letras do Centro Universitário da Vitória de Santo Antão – UNIVISA. E-mail: [eduardodosantos@univisa.edu.br](mailto:eduardodosantos@univisa.edu.br)

A obra é uma denúncia tanto do preconceito racial e social quanto do papel submisso das mulheres, sobretudo Clara – que dá nome ao romance –, posto que as mesmas não tinham voz na sociedade, no período citado, além do patriarcalismo, como forma de opressão, impondo o lugar que as mulheres deveriam ocupar na estrutura social.

A partir das obras de Lima Barreto, tem-se um panorama do Rio de Janeiro desse período, de modo que a sua escritura romanesca possui, notadamente, um acentuado cunho social que permite abranger as classes mais pobres, sobretudo, pessoas negras que viviam uma vida melindrosa e habitavam os subúrbios do Rio de Janeiro. Nesse sentido, seus romances têm a função de denunciar e de criticar as políticas públicas e a forma que esse grupo social era tratado, naquele período, principalmente porque, enquanto a cidade do Rio de Janeiro passava por diversos problemas sociais, a elite procurava reagir aos problemas, afastando as pessoas pobres do centro urbano e modernizando a cidade, tendo como base Paris, que havia realizado uma grande reforma urbana no século anterior. Nesse sentido, por toda a potência de denúncia, atrelada à qualidade estética da produção de Lima Barreto, coadunamos com Conceição Evaristo (2007, p. 20-21) para quem a escritura em estudo não deve ser “lida como histórias para ‘ninar os da casa-grande’ e sim para incomodá-los em seus sonos injustos”.

Segundo Skidmore (1976), durante 1889 e 1910, não houve inovações na literatura, até que Lima Barreto decide pintar o verdadeiro Brasil, descrevendo as reais condições da cidade do Rio de Janeiro, especificamente as ruas, os morros e a relação de convivência do branco com o negro, agora desescravizado. Assim, as obras de Barreto estão inscritas no contexto da realidade em que se manifesta, bem como as suas criações descrevem os acontecimentos sociais e culturais vividos naquela época.

No romance *Clara dos Anjos* (1994), nota-se que Lima Barreto se opôs às injustiças cometidas contra os menos favorecidos daquela época, incluindo questões relacionadas ao tratamento recebido pelas mulheres, sobretudo na sociedade carioca daquele período, conforme apontam Brandão e Branco (2004, p. 44 *apud* SACHINSKI, 2012, p. 1), para quem

A mulher está sujeita a um sistema moral, onde ela só participa de forma passiva, já que ela não detém a palavra, mas é ‘falada’. A mulher é repetidora de um discurso do qual não é sujeito. ‘Esse discurso exterior articula a questão da sexualidade feminina, em uma sociedade patriarcal, em que a mulher não ocupa o lugar privilegiado. Sabendo-se que é pela linguagem que se instaura toda forma de poder, destacaremos nas narrativas algumas formas de discursos mistificadores de que a heroína é vítima’.

Cultural e historicamente, a mulher é tratada de forma inferior aos homens e, a partir do romance *Clara dos Anjos*, o autor busca descrever a mulher suburbana, denunciando a opressão sofrida pelas mulheres negras e, também, a ausência de seus direitos na sociedade. Diante disso, investigaremos as inquietudes que o autor manifesta na obra, ao mostrar-se contra a violência sofrida, sobretudo pelas mulheres negras ao longo do romance.

### **A síntese uma vida marcadamente literária**

Afonso Henrique de Lima Barreto nasceu em 1881, no Rio de Janeiro. Neto de escravos e filho do tipógrafo João Henrique Lima Barreto e da professora primária Amália Augusta Barreto, ficou órfão materno aos sete anos de idade e, com isso, passou a ter um comportamento diferenciado das crianças da sua idade.

O pai de Lima, João Henriques, era filho de uma escrava e de um madeireiro português e transformou-se em um tipógrafo bem-sucedido, afilhado do poderoso Visconde de Ouro Preto, chefe do último gabinete do Império. Depois de perder o emprego, por causa de seus vínculos com o Império, adoece, é aposentado e passa o resto de seus dias largado numa poltrona na casa da família. Além disso, virou personagem de Lima Barreto em várias obras, sobretudo em *Triste fim de Policarpo Quaresma*.

Dona Amália, mãe de Lima, formou-se professora e era diretora do Colégio Santa Rosa, uma escola de elite para moças, situada em Laranjeiras. Já a mãe de Amália Augusta era uma escravizada liberta.

O autor carioca cresceu em uma família que prezava pela educação e teve a oportunidade de ser orientado a estudar com dedicação na infância e na adolescência, a fim de se preparar para ingressar na escola Politécnica, algo que estava ao alcance somente das famílias privilegiadas. Após a perda da sua mãe, Barreto viu seu pai ser consumido pelo alcoolismo e isso fez com que o autor passasse a ter uma visão ampla desses acontecimentos, ligando-os às suas origens e à sua condição social, nascendo, assim, um escritor que não poupou palavras para expressar as opressões tão explícitas no meio em que vivia: o centro carioca e a periferia.

A história da família de Lima é um exemplo das famílias afrodescendentes, que, de alguma forma, encontraram maneiras de progredir através da educação e de esforços

– mesmo com o sistema escravista –, formando-se e tornando-se bons profissionais. Todavia, nem sempre os planos davam certo para as famílias afrodescendentes.

Profícuo escritor, com uma vida inteiramente dedicada à escrita literária, Lima Barreto foi o mais representativo autor de sua geração, compondo crônicas, contos e romances que, ao passo que falam do Rio de Janeiro, metonimicamente, escrevem o Brasil das formações das periferias, pelo duro processo de higienização dos centros – moda europeia importada pelos governantes brasileiros. Apesar de toda a sua dedicação ao literário, Lima Barreto não foi, em vida, merecidamente reconhecido, tendo, em seu romance de estreia, *Recordações do escrívão Isaías Caminha* (1909), ponto de contraponto de críticos que, inclusive, mantinham com ele uma boa relação:

O amigo Alcides Maia, que incentivara Lima a concluir a obra, o surpreendeu negativamente ao fazer duras ressalvas no Diário de Notícias. A ideia de retratar Caminha como um contínuo de jornal teria sido dele. Entretanto, Maia condenou o personalismo com que, na sua opinião, Lima Barreto tingiu os personagens. O livro não passava de um ‘álbum de fotografias’, ‘verdadeira crônica íntima de vingança, diário atormentado de reminiscências más, de surpresas, de ódios’. (BERTOL, 2017, p. 253)

O romance recebeu, ainda, as considerações de José Veríssimo, famoso historiador do período, que reagira com entusiasmo aos primeiros escritos, publicados na Revista Brasileira, amenizando o tom e, certo modo, aconselhando o jovem escritor acerca das “melhorias” a serem aplicadas:

Sincera e cordialmente o felicito pelo seu livro. Há nele o elemento principal para os fazer superiores, talento. Tem muitas imperfeições de composição, de linguagem, de estilo, e outras que o senhor mesmo, estou certo, será o primeiro a reconhecer-lhe, mas com todos os seus senões é um livro distinto, revelador, sem engano possível, de talento real.

O personalismo da obra, atacada por parte da crítica, que via muito de Barreto em seu primeiro romance, passou a ser uma das características mais marcantes de sua escrita, sendo considerado, atualmente, uma forma de registro de memória, um ponto de escrevivência (EVARISTO, 2007). Assim, sempre voltada à sua pessoa, a escritura de Lima Barreto ficcionaliza sua própria vida, tornando poroso o limite entre utilizar os personagens para falar de si mesmo e usar a sua própria imagem para construir os personagens. Nessa perspectiva, Lima Barreto deixava transparecer – tanto em sua vida pessoal, quanto em suas obras – o seu desconforto diante de uma sociedade recém saída

do mal da escravidão. De alguma forma, Lima está presente em todos os seus personagens, ou seja, vida e obra se confundem.

Por isso, pode ser considerado “Uma voz aguda, e muitas vezes solitária” (SCHWARCZ, 2017, p. 137), posto que ele se sentia angustiado por ser mal compreendido e interpretado pela sociedade daquele período. Além disso, pode-se dizer que Lima Barreto desagradou muitos escritores de sua época, talvez pelos questionamentos tão pertinentes e, também, transtemporais.

Para Schwarcz (2017), *Clara dos Anjos* foi a obra em que o autor carioca dedicou vários anos à sua escrita, tendo publicado sua primeira versão na forma de conto, “foi o livro mais trabalhado e alterado pelo autor” (SCHWARCZ, 2017, p. 411), já que é “o texto [...] mais voltado para as especificidades dos subúrbios e também o mais preocupado em delimitar as divisões espaciais e simbólicas que por lá se estabeleciam” (SCHWARCZ, 2017, p. 411). Dessa maneira, em sua prosa fluente, Lima dá voz aos subúrbios do Rio de Janeiro, no momento em que a elite carioca, com a justificativa de que necessitavam modernizar a cidade, os empurrava para os lugares mais escondidos da cidade.

### ***I. Eu não sou nada nesta vida***

Desde a antiguidade, os contos, sejam orais ou escritos, fascinam o público, por ser uma narrativa breve, escrita em prosa, sendo mais curto que o próprio romance ou até mesmo a novela. O fascínio do público, no entanto, esconde o *modus operandi* da produção: a capacidade de dizer, na concisão da palavra, elementos de um impacto que impressionam, na construção de personagens, no tempo-espaço reduzido, na sedução que, na forma romanesca, pode acontecer numa propulsão mais lenta. No conto, então, os amálios da linguagem precisam, de imediato, serem apresentador.

Nesse sentido, lançamos mão de ver a primeira *Clara dos Anjos*, personagem de um cujas primeiras inspirações foram iniciadas com anotações soltas no *Diário íntimo*, em 1903. Em 1919, torna-se conto e é publicado pela *Revista América Latina*. Em seguida, após a morte do escritor, foi publicado de fevereiro de 1923 a maio de 1924, como folhetim em dezesseis números da *Revista Souza Cruz*. No decorrer dos tempos, o conto e o romance ganharam diversas edições, tendo, através da Editora Mérito, a sua primeira edição em livro, em 1948.

No conto e no romance, conta-se a história da jovem Clara, que, após ser enganada por seu par amoroso, entrega-se, carnalmente, a ele e, dessa forma, conhece o desprezo da sociedade por si, consequente de sua condição social. O texto foi alterado diversas vezes por Lima Barreto, inclusive em seu desfecho. Nas primeiras edições do conto e do romance, podem ser observadas características pertencentes ao processo de adaptação de um para outro.

Dentre essas alterações, aparecem as seguintes notas, recolhidas por Elizabeth Gonzaga Lima (2016, p. 114):

Clara dos Anjos, mulher, mulata, 23 anos, David Carvalho casa-se mais tarde com Clara, a quem vem conhecer na festa dos Cardosos, na Penha, por ocasião do São João, David, sem ofício certo, é tudo, mais ainda jogador, bêbedo etc. Dá cabo dos 50 contos de Clara.

Assim, *Clara dos Anjos* (1919), o conto, segundo Ricardo Piglia (2004, p. 93), em *Formas breves*, “é construído para revelar artificialmente algo que estava oculto. Reproduz a busca sempre renovada de uma experiência única que nos permite ver, sob a superfície opaca da vida, uma verdade secreta”, de modo mostra-se, ao leitor, evidente que o que estava oculto para a personagem principal era a sua grande inferioridade social, omitida pelos cuidados excessivos dos seus pais, que impossibilitaram a mesma de conhecer a realidade racista e preconceituosa que existia na sociedade (LIMA, 2016).

## **II. *Nós não somos nada nesta vida***

A publicação de *Clara dos Anjos* na *Revista Souza Cruz*, de fevereiro de fevereiro de 1923 a maio de 1924, tornou-se uma homenagem a Lima Barreto, que havia morrido em novembro de 1922.

Em 1948, *Clara dos Anjos* assume forma de romance pela *Editora Mérito*. Segundo Schwarcz (2017, p. 12), o autor “escreveu a vida toda o romance *Clara dos Anjos*, ensaiou vários finais para a trama, no entanto não teve tempo de vê-la publicada”. Diferente do conto, o romance aprofunda de forma maior as questões de violência, assassinato, traições e mentiras.

*Clara dos Anjos* (1948) conta a história da personagem que dá nome ao conto e ao romance. A jovem Clara – de origem humilde, negra e que residia em um subúrbio carioca –, acaba sendo seduzida por um galanteador que, no conto, é chamado de Júlio

Costa e, no romance, Cassi Jones, que é um rapaz branco e bem favorecido economicamente, que apresenta valores éticos e morais discrepantes ao das demais personagens da obra, sendo até mais perverso que aqueles que com ele viviam, reproduzindo muito de seus gestos.

Clara, por sua vez, sonhava encontrar um rapaz que a amasse e pudesse se casar, mas seu sonho acabou tornando-se um pesadelo, pois as vítimas de Cassi eram as moças mais ingênuas, pobres, desprotegidas e de famílias humildes, assim como Clara, prometendo amor e casamento. Logo, ao conseguir o que queria, as abandonava.

Por ser uma pessoa ingênuo, frágil e sem grandes ambições, Clara acredita na pureza do amor. Todos esses elementos foram essenciais para que ela caísse na lãbia de Cassi Jones. Não sendo a primeira mulher a ser usada por Cassi Jones, Clara se apaixona e acaba engravidando.

Cassi, assim como de outras vezes, acaba fugindo para não ter que se responsabilizar por tal ato, e, ao procurar a família do rapaz, em busca de reparos e na esperança de tentar se casar, a personagem acaba sendo humilhada. Só assim Clara descobre as adversidades provenientes de sua condição social. Cassi Jones, no que lhe diz respeito, acaba impune.

Embora o romance seja em terceira pessoa, o narrador apesar de não ser personagem, interfere diretamente na narrativa, principalmente no que se trata da descrição dos personagens, tornando-se possível seu posicionamento e opinião a respeito.

O espaço onde transcorrem as ações adquire grande importância para o desenvolvimento da narrativa, podendo também ser denominado de espaço-revelador, como mostra na descrição de Helena, tia do personagem Marramaque, amigo do pai de Clara. “A sua casa era inteiramente o contrário da de Meneses. Estava sempre limpa, móveis em ordem, completamente cercada, o jardimzinho da frente bem tratado” (BARRETO, 1998). O narrador inicia mostrando a sua casa, para em seguida informar de quem se trata. Para o leitor, o fato da casa está sempre limpa e as coisas em ordem, revela antecipadamente uma mulher que preza pela limpeza e organização.

Ao final do conto, tem-se: “Foi ao encontro da mãe. Não lhe disse nada; abraçou-a chorando. A mãe também chorou e, quando Clara parou de chorar, entre soluços, disse: — Mamãe, eu não sou nada nesta vida.” (BARRETO, 1920, p. 153). Já no romance, Clara diz “— Nós não somos nada nesta vida.” (BARRETO, 1998, p. 133).

## **O silêncio de Clara: a condição da mulher em Clara dos Anjos**

No romance *Clara dos Anjos* (1948), Lima Barreto constrói o perfil da mulher na sociedade brasileira no início do século XX, na perspectiva de uma sociedade patriarcal e discriminadora. Dessa forma, a crítica apresentada no romance está relacionada à submissão feminina e ao sistema do patriarcado.

Embora Clara dos Anjos seja a personagem principal e que dá nome à narrativa, a protagonista é totalmente passiva dentro do romance, aparece, em fala, somente no meio do romance, além de não realizar nenhuma ação e não ter voz.

Sem estudos ou preparo da família, a principal preocupação de Clara era a preparação para o casamento, para que o marido pudesse tomar as decisões por ela. Ela era tratada com muito cuidado, e seus pais não permitiam que ela saísse de casa sozinha, a não ser com eles ou com uma viúva, D. Margarida, que era amiga da família.

Clara não possui nenhum mecanismo que pudesse acionar a respeito de experiência de conhecimento de mundo, pois foi educada dentro de casa para servir somente como esposa, além de não ter contato com a realidade externa.

Clara, por sua vez, teve uma educação muito fechada, voltada estritamente para a ação doméstica. Então quando se põe diante de um indivíduo oportunista e extremamente mal intencionado, ela não tem instrumentos para perceber em que espécie de armadilha está caindo. Joaquim e Engrácia, pais de Clara, a mantinham em casa e sob a vigilância, para que a filha não fosse desonrada.

Era tratada pelos pais com muito desvêlo, recato e carinho; e, a não ser com a mãe ou pai, só saía com Dona Margarida, uma viúva muito séria, que morava nas vizinhanças e ensinava a Clara bordados e costuras. No mais, isto era raro e só acontecia aos domingos, Clara deixava, as vezes a casa paterna, para ir ao cinema do Méier ou Engenho de Dentro, quando a sua professora de costura se prestava acompanhá-la, porque Joaquim não se prestava, por não gostava de sair aos domingos, dia escolhido a fim de se entregar ao seu prazer predileto de jogar o solo com os companheiros habituais; e sua mulher não só não gostava de sair aos domingos, como em outro dia da semana qualquer. Era sedentária e caseira. (BARRETO, 1998, p. 18-19)

Para tanto, com a falta de uma educação adequada, Clara “não podia adquirir uma pequena experiência da vida [...] a sua pequenina alma de mulher, por demais comprimida, havia de se extravasar em sonhos, em sonhos de amor” (BARRETO, 1998, p. 54).



Grávida e após ser humilhada pela mãe de Cassi Jones, Clara percebe a sua condição na sociedade principalmente por ser negra e pobre; consequência dos valores sociais da época, induzidos na educação familiar que recebeu.

### **São muitas as Claras**

No Brasil, mesmo o país sendo considerado como referência em leis voltadas ao combate à violência contra a mulher, o número de registros de crimes contra mulheres tem aumentado demasiadamente.

Historicamente, a violência de gênero é produzida e reproduzida por uma cultura machista, conservadora e patriarcal, no qual o homem é tido como chefe da família e responsável por manter a casa, ou seja, o centro de tudo e a mulher apenas como sua submissa. E, apesar de atingir mulheres de todas as classes sociais e etnias, esse fato predomina, principalmente, em mulheres negras e vulneráveis financeiramente.

A violência cometida contra a mulher é um fato histórico, onde a mesma era apontada como um objeto feito apenas para servir ao homem, sem vontade própria, além da desigualdade de acesso aos direitos. “Em todos esses séculos, as mulheres têm servido de espelhos dotados do mágico e delicioso poder de refletir a figura do homem com o dobro de seu tamanho natural. Sem esse poder, a Terra provavelmente ainda seria pântano e selva” (WOOLF, 1985, p. 45).

No romance é relatado um fato ocorrido, mostrando que para a sociedade, casar era muito importante, independente do caráter do conjugue. Isso ocorre quando Ataliba do Timbó é obrigado a se casar com Ernestina após tirar sua virgindade. Percebe-se que para a sociedade, casar-se com o estuprador era um mérito.

Para tanto, pode-se dizer que a sociedade continua machista e patriarcal até os dias de hoje, onde mulheres são muitas vezes obrigadas por suas famílias a se casarem, somente por terem engravidado. Além disso, muitas delas assumem o papel de pai e mãe, tendo que cuidar, educar e manter os filhos sem a presença do pai.

Devido ao preconceito social e racial, assim como Clara, na vida real muitas mulheres sentem a necessidade de serem aceitas e “respeitadas” na sociedade e, muitas vezes acabam caindo nas mãos de rapazes oportunistas.

Diante disso, Lima Barreto (des)creveu o cotidiano, mostrando os dois lados da sociedade daquela época, que se estende até os dias atuais.

Em sua obra, Lima Barreto faz uma denúncia ao preconceito social e racial, além do comportamento de homens e mulheres no início do século XX. Com isso, Lima Barreto reflete sobre o papel social e a condição da mulher, seja ela pobre, rica, branca ou negra.

Lima faz uma crítica severa ao tratamento opressivo sofrido pelas mulheres, principalmente negras. Na narrativa pode-se perceber o amplo e atual diálogo do escritor. Um dos principais assuntos tratados no romance foi a questão da educação familiar recebida pela personagem feminina, que se tratando de Clara, nada favoreceu em sua vida, mas a prejudicou, pois ela não possuía discernimento ou opinião própria, por isso não sabia se proteger sozinha.

## Referências

BARRETO, L. Clara dos Anjos. In: BARRETO, L. **Histórias e sonhos**: contos. Rio de Janeiro: Gianlorenzo Schettino, 1920.

\_\_\_\_\_. **Diário íntimo**. São Paulo: Brasiliense, 1956.

\_\_\_\_\_. **Clara dos Anjos**. 7. ed. S. Paulo: Ática, 1994.

BRANCO, L. C.; BRANDÃO, R. S. **A Mulher Escrita**. Editora Lamparina: Rio de Janeiro, 2004.

EVARISTO, C. Memória e Escrivência. In: ALEXANDRE, M. A. (Org.). **Representações performáticas brasileiras**: Teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

PIGLIA, R. **Formas breves**. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SCHWARCZ, L. M. **Lima Barreto**: triste visionário. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

LIMA, E. G. Lima Barreto e a escrita de si. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 33, n. 96, p. 137-153, 2016. ISSN: 10. 1590. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2019.3396.0009>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/161285>. Acesso em: 22 nov. 2020.

SKIDMORE, T. E. **Preto no Branco**: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Tradução de Raul de Sá Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

SILVA, A. G. **Representações do Negro em Clara dos Anjos de Lima Barreto**. 2015. Disponível em: [http://www.uern.br/controldepaginas/defesas2015ppgl/arquivos/3856dissertacao\\_de\\_a\\_na\\_gabriella\\_ferreira\\_da\\_silva.pdf](http://www.uern.br/controldepaginas/defesas2015ppgl/arquivos/3856dissertacao_de_a_na_gabriella_ferreira_da_silva.pdf). Acesso em: 23 jan. 2021.

WOOLF, V. **Um teto todo seu.** Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.